

Revista Formadores

Vivências e Estudos

MOSAICO - CAPOEIRUÇU

Volume 9 Número 6 Dezembro 2016

ISSN: 2177-7780 • ONLINE ISSN: 1806-5457 • IMPRESSA

Elenides Bispo de Santana
Ellen.adm_adventistas@outlook

Graduanda em Administração pela Faculdade Adventista da Bahia (FADBA).

Ricardo Costa Caggy
ricardo.costa@adventista.edu.br

Graduado em Administração pela Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS (2002), Doutorando em Administração pela Universidade Federal da Bahia - UFBA (2014-), Mestre em Administração pela Universidade Federal da Bahia - UFBA (2011), Mestre em Gestão, Planejamento e Estratégia Empresarial pela Universidade Autónoma de Lisboa (2006) e Especialista em Docência do ensino superior pela Faculdade Adventista de Educação do Nordeste - FAENE (2006). Atualmente é professor da Faculdade Adventista da Bahia - FADBA e coordenador da Área de Ciências Sociais Aplicadas (Área 6). Tem experiência nacional e internacional na área de Administração, atuando principalmente nos seguintes temas: Estratégia, Empreendedorismo, Inovação, Marketing, Gestão do Conhecimento, Aprendizagem Organizacional, Ensino da Administração e Desenvolvimento Local. Autor de livros infantis para disseminação da cultura empreendedora e das ferramentas de administração.

Williams Kleyton Rodrigues Ramos
williamskleyton1@hotmail.com

Graduando em Administração pela Faculdade Adventista da Bahia (FADBA).

Faculdade Adventista da Bahia

BR 101, Km 197 – Caixa Postal 18
– Capoeiruçu – CEP: 44300-000 –
Cachoeira, BA

Mosaico - Capoeiruçu: Dezembro 2016
Caderno Especial

DESENVOLVIMENTO LOCAL, EMPREENDEDORISMO E MICROEMPRESAS: UMA ANÁLISE DOS FATORES CONDICIONANTES EM UM BAIRRO UNIVERSITÁRIO

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar os empreendimentos instalados em um determinado bairro universitário, durante o período de dois anos, buscando identificar os fatores que podem influenciar no nascimento e na mortalidade destes empreendimentos, bem como as questões estruturais que podem possibilitar o desenvolvimento local. O trabalho foi pautado na análise de dois catálogos de empreendedores locais, realizados nos anos de 2014 e 2016. Foi percebido uma alta taxa de mortalidade dos empreendimentos e algumas hipóteses levantadas para este acontecimento, dentre elas as já conhecidas falta de preparo e capacitação, os condicionantes econômicos do país, além da temporalidade e sazonalidade do público no caso em específico.

PALAVRAS-CHAVE:

Desenvolvimento local. Empreendedorismo. Mortalidade das Microempresas.

1. INTRODUÇÃO

O desenvolvimento local perpassa pela articulação de diferentes atores que compõem um determinado território, mas as atitudes empreendedoras das pessoas que habitam em determinado território são determinantes neste processo, podendo gerar a endogenização do território e fixação dos seus moradores. Sejam estas atitudes relacionadas a negócios sociais, culturais, criativos, de associativismo ou empresarial. No entanto, muitas vezes as dificuldades de empreender acabam por diminuir sensivelmente a existência dos negócios, gerando desemprego, falta de oportunidades e abandono do território.

Diante deste cenário, a proposta deste trabalho é fazer

uma análise considerando o ciclo de vida das microempresas no bairro universitário de Capoeiruçu, localizado na cidade de Cachoeira (Bahia). Através desta análise será particularizado a problemática da mortalidade de microempresas e como os proprietários e/ou dirigentes reagem as mudanças e ditames locais. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de natureza qualitativa em um total de 172 empresas, tomando como fonte de informação os catálogos de negócios produzidos pela Faculdade Adventista da Bahia (FADBA), no âmbito do curso de Administração, nos anos de 2014 e 2016, intitulados de "CapúNegócios". Além disso, foram entrevistados empreendedores que tiveram seus negócios fechados no ano de 2016, como mecanismo complementar para as conclusões do trabalho.

Levando-se em consideração estas premissas, o objetivo primordial desta pesquisa é identificar o que leva os empresários fecharem precocemente as portas de seus estabelecimentos e quais as medidas que podem ser tomadas a fim de evitar esta fatalidade. Para tanto, formulou-se a seguinte questão norteadora: quais os fatores condicionantes de mortalidade de microempresas em um bairro universitário?

Este trabalho está dividido em três partes: A primeira uma breve contextualização do problema e dos direcionamentos da pesquisa; na segunda parte o referencial teórico adotado e a metodologia do trabalho e na última parte a análise dos dados coletados e as considerações finais do trabalho. Esta pesquisa justifica-se fato da inquietação em conhecer os motivos que determina o insucesso e o fechamento precoce de empreendimentos e refletir sobre alternativas locais para produzir bases mais sólidas para os futuros micro e pequenos negócios. Além disso, o mesmo surge no âmbito da linha de pesquisa de Desenvolvimento Regional Sustentável (DRS) da FADBA, que tem como objetivo pesquisar soluções sustentáveis para o desenvolvimento local e fomentar as ações de extensão visando diminuir o distanciamento entre academia e sociedade.

A opção por este tema, ainda teve como motivação o anseio dos autores em examinar a situação dos empreendedores locais e propor ações que possam resultar em um desenvolvimento sólido e sustentável, tendo em vista as carências locais do recôncavo baiano, e as inúmeras dificuldades oriundas da falta de orientações necessárias para a implantação e gestão dos negócios.

2. REVISÃO DA LITERATURA

Não é difícil observar a grande diferença em recursos disponíveis e capacidade de investimentos entre as pequenas empresas e as grandes empresas. É óbvio que ao contrário das pequenas empresas, as grandes têm maior facilidade em utilizar seus recursos de maneira a favorecer a sua atuação no mercado e na sociedade, haja vista o crescente e sempre pujante mercado milionário das consultorias.

Por outro lado, as pequenas e microempresas, sofrem pela falta de atenção, conhecimento e ferramentas que possibilitem o seu crescimento e desenvolvimento de forma sustentável. Este paradoxo parece ser ingrediente fundamental para um contexto desafiador no Brasil, se por um lado o país é considerado o mais empreendedor do mundo, por outro os entraves burocráticos para abertura e fechamento de empresas e as altas taxas de mortalidade, sugerem que o empreendedorismo no país é limitado por condicionantes externas e internas as organizações.

Desta forma, pretende-se aqui examinar aspectos teóricos que permitam fundamentar as análises deste trabalho. Para esta tarefa, definiu-se a discussão sobre: Desenvolvimento Local, empreendedorismo e mortalidade das empresas, como pode ser apresentado a seguir.

2.1 DESENVOLVIMENTO LOCAL

Lima (2000) observou que, embora o termo desenvolvimento local, possua um conceito amplo, podemos dizer que todas as suas ações, conduzem aos interesses da população que realiza todo tipo de atividade naquele local. A extensão dos resultados econômicos, cultural, social, institucional, etc., irão compor o conceito e a dimensão do desenvolvimento local. É bem verdade que sua compreensão não se limita a uma abordagem única, bem contrário disso, temos várias maneiras de conceituá-lo a partir de várias esferas, uma delas está a econômica, sendo medido pela evolução do quadro produtivo local, bem como a geração de emprego e renda dentro das comunidades.

Segundo Brandão (2004, p. 62) o desafio é “discriminar e hierarquizar os fatores endógenos e exógenos determinantes, condicionantes ou coadjuvantes dos processos sociais, econômicos, políticos etc.” em busca de uma compreensão do território, para poder explicar o seu desenvolvimento, nestas diferentes perspectivas.

Neste sentido, entende-se como desenvolvimento local, o processo de desenvolvimento de determinada área (local), com base em fatores endógenos ou exógenos, que são responsáveis por transformações sociais, políticas, econômicas, ambientais e culturais deste espaço, de forma articulada ou isolada destas variáveis, mas com a participação primordial de diferentes tipos de organização.

As organizações contribuem consideravelmente para a melhoria do mundo a nossa volta, do qual estas são partes contribuintes, e para que o desenvolvimento local seja promovido da melhor forma, vem sendo estudado, formulado e avaliados diversos formatos interorganizacionais, em diferentes âmbitos, países, estados, regiões, cidades e comunidades. Entre as razões e interesses para tais implicações, estão a mudança no papel do estado, focada na ideologia neoliberal; a crise estrutural no mercado de trabalho; o aumento da competitividade no mercado globalizado, dentre outros.

No entanto, quanto a este fator de crescimento, há uma ilusão quanto a determinação do aumento do bem-estar associado ao maior crescimento econômico. Isso acontece porque normalmente ligamos o aumento do PIB a melhoria e desenvolvimento. Todavia, este aumento embora seja necessário, não quer dizer que haja mais saúde, educação e mais liberdade de opções. Onde há desenvolvimento, há sem dúvidas capacidade de realizar atividades livremente escolhidas e valorizadas, sem imposições, e isso de forma alguma seria uma consequência automática do crescimento econômico.

Segundo Dowbor (1997), embora seja cedo demais para dizer se as iniciativas de desenvolvimento local irão superar ou não os problemas existentes e consolidar a reconversão industrial num processo de desenvolvimento sustentável, social, econômico e conseqüentemente local, pode-se pensar que o Desenvolvimento Local precisa se esforçar para ter apenas como ponto central o ser humano e os interesses coletivos da maioria, o que está intensamente ligado a qualidade de vida, socialização do poder, acesso

aos serviços públicos e aos benefícios de tecnologia. O que também é um anseio de Coelho (1997) quando define tal fenômeno como “O plano de ação coordenado, descentralizado e focalizado, destinado a ativar e melhorar, de maneira sustentável as condições de vida dos habitantes de uma localidade, e no qual o desenvolvimento estimula a participação de todos os atores relevantes”.

Por fim, considera-se indubitável o papel das diferentes organizações neste processo, e nesta compreensão um ambiente favorável ao surgimento de novas organizações, com favorecimento ao empreendedorismo local, tende a permitir um desenvolvimento endógeno, com possibilidades de fixação do homem ao seu local.

2.2 EMPREENDEDORISMO

Não há uma definição única e limitada para o termo Empreendedorismo. No entanto, “Richard Cantillon identificou o empreendedor como alguém que assume riscos no processo de comprar serviços ou componentes por certo preço com a intenção de revendê-los mais tarde a um preço incerto”. (OLIVEIRA, 2012, p.2).

Com a chegada deste termo, ficou evidente o pensamento empreendedor, bem como sua disseminação nas escolas de negócios e academias. Com isso o interesse por estudá-lo deu início a um número considerável de conferências e publicações, motivo pelo qual se originou uma comunidade científica reconhecida objetivando melhor compreensão acerca deste tema, como forma de expressão (VERGA e SOARES DA SILVA, 2014).

Para Landström e Benner (2010) o empreendedorismo passa por três eras distintas quanto ao Pensamento Empreendedor:

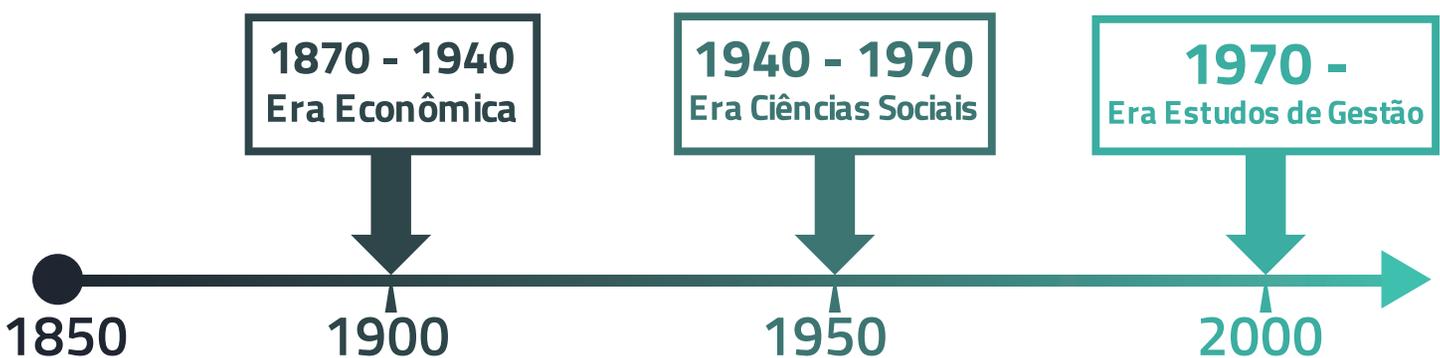


Figura: Eras do Pensamento Empreendedor
Fonte: Landström e Benner (2010, p. 20).

Na Era Econômica (1870-1940) dar-se a utilização do termo “risco” e o interesse pelo termo empreendedorismo por parte dos economistas, o que já era fato desde a abordagem de Catillon (CASSIS, MINOGLU, 2005; MURFY; LIAO; WELSCH, 2006). Houve nesta mesma era a tradição Knightian, com foco nas “incertezas” (CASSIS, MINOGLU, 2005, DAVIDSSON, 2004; HISRICH, PETERS, SHEPHERD, 2009; JULIEN, 2010).

Há também a Shumpeteriana, talvez a mais conhecida, na figura de Joseph Schumpeter que baseado na “mudança e inovação” constrói uma nova teoria econômica (DAVIDSSON, 2004; CASSIS; MINOGLU, 2005; FILION, 1999; HISRICH; PETERS; SHEPHERD, 2009). E por fim, destacando que deve haver o esclarecimento da ligação entre o empresário e a empresa para que possa haver melhor compreensão do empreendedorismo, a escola Austríaca. No entanto, na Era das Ciências Sociais (1940-1970) ficou marcado o processo de entrada dos estudiosos de psicologia e ciências sociais, que se interessaram pelo empreendedor como um indivíduo e por isso, o investigou através de suas obras e traços de personalidade. Grandes sociólogos, nomes como Max Weber são citados por suas contribuições no que diz respeito ao objeto de estudo baseado na ênfase do empreendedor no processo de mudança econômica. Por outro lado, os psicólogos preferem focar nas ciências comportamentais e antropológicas, relacionando o empreendedorismo com um comportamento desviante, relacionado a cultura (VERGA e SOARES DA SILVA, 2014).

A Era dos Estudos de Gestão (1970-) no entanto, foi e ainda está sendo marcada pelas mudanças e processos realizados nas áreas políticas, econômicas e tecnológicas, tornando a dinâmica do empreendedorismo um tema dominante na sociedade. Segundo Landström e Benner (2010) muitos estudiosos de diferentes áreas se interessam pelo tema empreendedorismo, com isso este campo cresceu consideravelmente. Porém isso não quer dizer que haja um consenso, mas sim que devemos reforçar a ideia de que para melhor compreensão deste fenômeno, faz-se necessário o desenvolvimento de pesquisas sistemáticas (VERGA e SOARES DA SILVA, 2014).

Na visão de Ribeiro e Freitas (2009) as discussões acerca de empreendedorismo envolvem a identificação de quem é esse indivíduo, quais são suas principais características, que aspectos cognitivos os levam em direção ao *start up* de negócios, que modelos de sociedade propiciam melhores condições ao crescimento desse movimento, entre outros aspectos que buscam favorecer a compreensão da complexa e multifacetada gestão empreendedora, sobretudo quando analisada sob a ótica da sustentabilidade empresarial. (MOREIRA, H.; MOREIRA, M.; CASTRO SILVA, 2014, p.35)

Neste sentido, entende-se que independente da motivação para empreender, sejam elas por necessidade, vocação ou estímulo, as ações de suporte oferecidas pelas instituições de ensino, órgãos governamentais e ou organizações sem fins lucrativos, são fundamentais para a transferência de conhecimento e a qualificação do empreendedor. Sem estas ações de qualificação e questões tais como: falta de capital de giro, carga tributária, recessão econômica, concorrência forte, instalações inadequadas e falta de conhecimentos gerenciais a probabilidade de insucesso do empreendimento torna-se ainda maior.

2.3 MORTALIDADE DE MICROEMPRESAS

São muitos os que falham na criação de um negócio, um número muito superior aos que conseguem lograr êxito, mas é possível identificar um conjunto de causas responsáveis pela elevada mortalidade de novas empresas dos primeiros anos de vida: falta de experiência do empresário; má gestão dos estoques; capital insuficiente; crescimento inesperado da empresa; concorrência; baixo volume de vendas; sobre investimento em capital fixo; fraca ou insuficiente negociação de crédito com a banca; utilização pessoal (por parte do empresário) de fundos da empresa, dentre tantos outros (RODRIGUES, 2008).

A mensuração em termos de criação de empresas e de taxa de sobrevivência das mesmas não é um trabalho simples. As dificuldades começam na própria definição do que é uma empresa “recém-criada”, o que é uma empresa “em atividade” e o que é uma empresa “encerrada”. Além disso, os registros desses empreendimentos nas bases de dados oficiais estão frequentemente sujeitas a alterações, por razões variadas. Seja porque os donos dessas empresas podem demorar a solicitar os registros de criação e/ou encerramento, seja porque os sistemas de registros apresentam as suas próprias dificuldades em termos de atualização dos dados (SEBRAE, 2013).

Conforme colocado por Rebouças (1991), os fatores de êxito são dispostos em duas análises: o ambiente empresarial, ou seja, todo o conjunto estável e dinâmico de forças externas, e a situação interna que se faz do estudo das qualidades e deficiências da empresa, produção, administração e estrutura financeira.

Lezana (1995) relacionou as causas de sucesso e fracasso em categorias distintas e Inter-relacionadas: fatores externos, fatores internos e fatores relacionados ao empreendedor. Sendo que os fatores externos são os macroeconômicos e do ambiente, onde efetivamente a empresa não pode atuar sobre eles. Já os internos estão ligados ao funcionamento da empresa e podem ser modificados por ela, ou seja, direção e gestão (capacidade de lidar com incertezas), produção (parte técnica), recursos humanos (gerenciar pessoas e treinamentos), finanças (números e desempenho), área comercial (avaliar concorrência, preços e tendências), por fim fatores ligados ao empreendedor são as necessidades, conhecimento, habilidade e valores.

Por outro lado, De Mori (1998) foi um pouco além e resolveu apontar três fatores que afetam a sobrevivência das pequenas empresas, são estes as condições características do ambiente da empresa, as características estruturais e estratégicas do negócio e por fim as características individuais do empreendedor.

Há um conjunto de razões pelas quais as microempresas são conduzidas ao fracasso, uma vez que, vivemos num contexto empresarial de hipercompetitividade, ou seja, não só pelo excesso de oferta, como também por diversos outros fenômenos, como: a globalização, Estandarização (generalização do acesso a tecnologia, maior facilidade em imitar), mudanças socioculturais (consumidores muito mais informados, mais exigentes, menos fiéis, o que se exige personalização massificada). Contudo, é possível reduzir riscos se forem evitados alguns erros frequentemente cometidos pelos empreendedores, começando pelo planejamento de negócio (RODRIGUES, 2008).

A taxa média de mortalidade encontrada no Brasil nos últimos anos gira em torno de 25% (SEBRAE, 2013), mas as dificuldades de mensurar com precisão estes números dá-se em função da alta informalidade existente no país e as dificuldades de “baixa” nas empresas encontrada pelos empreendedores.

3. DESENHO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Esta pesquisa tem natureza explicativa, e tem por finalidade fazer uma avaliação dos indicadores de mortalidade das micro e pequenas empresas de Capoeiruçu, para tal esforço o universo amostral foi composto do catálogo de empreendedores elaborado pelo Curso de Administração da Faculdade Adventista da Bahia nos anos de 2014 e 2016, denominado “Capunegócios”.

A partir desta base de dados, foram determinadas a quantidade de empreendimentos, perfil dos

empreendimentos, e comparados entre os anos de 2014 e 2016. A escolha deste bairro deu-se em função da existência da própria faculdade no local, que conta com cerca de 4.000 alunos e da principal indústria da cidade de Cachoeira, condicionantes para o desenvolvimento de vários micro e pequenos negócios no entorno do bairro.

O tratamento destes dados foi feito através do uso de estatística descritiva simples, e os dados apresentados através de tabelas e gráficos, para que a análise seja feita do ponto de vista quantitativo.

Após a análise do perfil empreendedor do bairro, foram selecionados de forma não-probabilística, intencional e por conveniência empreendedores que mantiveram seus negócios do ano de 2014 até 2016 e empreendedores que fecharam seus negócios durante o mesmo período, a intenção foi a de identificar os fatores de "sucesso" e os fatores de mortalidade nos micro e pequenos negócios. Nesta segunda fase, foi utilizado uma entrevista com roteiro semiestruturado, para a coleta das informações, os dados coletados foram estruturados em categorias e analisados de forma qualitativa, face a bibliografia consultada para a elaboração do trabalho.

Diante das características de coleta e análise de dados, esta pesquisa caracterizou-se como de métodos de análise mista, pois utilizou-se tanto de dados qualitativos, quanto quantitativos para a elaboração de suas análises.

4. ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

Antes da apresentação dos dados, faz-se necessária a caracterização do bairro em análise. O povoado de Capoeiruçu faz parte da cidade de Cachoeira no estado da Bahia (Brasil), a cidade é mundialmente conhecida pelo seu patrimônio histórico e cultural e possui grande simbolismo e representatividade na cultura do estado da Bahia.

O bairro de Capoeiruçu fica a 4 km do centro da cidade de Cachoeira e nos últimos 20 anos sofreu um processo de desenvolvimento acelerado, muito em função da implantação do ensino superior no Instituto de Educação Nordeste Brasileiro (IAENE), e da implantação de uma indústria de transformação a Mastrotto.

O IAENE é um instituto de educação ligado a rede mundial de educação Adventista, presente em mais de 150 países e que se configura como a segunda maior rede de ensino do mundo. No ano de 1979, a rede escolheu a cidade de Cachoeira para implantar seu instituto, naquele momento no povoado rural de Capoeiruçu, que iniciou com uma escola básica e dez anos mais tarde implantou o seminário de teologia. Só a partir dos anos de 1998, o instituto implantou outros cursos superiores e hoje conta com nove cursos, programas de pós-graduação, e ensino fundamental, totalizando mais de 4.000 alunos.

Esta movimentação transformou a localidade de eminentemente rural, para o bairro mais populoso da cidade de Cachoeira, são cerca de 3.500 moradores (permanentes) e cerca de 4.000 moradores sazonais (estudantes, familiares, agregados), que ficam no local durante o período de estudos.

Toda esta movimentação, transformou urbanisticamente o povoado e tem movimentado a economia, nesta perspectiva que o curso de Administração da Faculdade iniciou um trabalho de mapeamento, acompanhamento e apoio aos microempreendedores, desde o ano de 2014 os negócios são catalogados e várias

ações buscam potencializar e fornecer o ecossistema necessário para a sobrevivência dos mesmos.

Para realização desta pesquisa, considerou-se o critério do Sebrae para que fosse determinado o porte da empresa, ou seja, microempresa com até 19 empregados na indústria e até 9 no comércio e serviço, por outro lado, as pequenas empresas- com 20 a 99 empregados na indústria e 10 a 49 no comércio e serviço.

De acordo com os dados de 2014 no catálogo CapuNegócios¹, foram registradas nesse período 154 empreendedores (Microempreendedor individual, micro e pequenas empresas) no bairro de Capoeiruçu, distribuídas da seguinte forma:

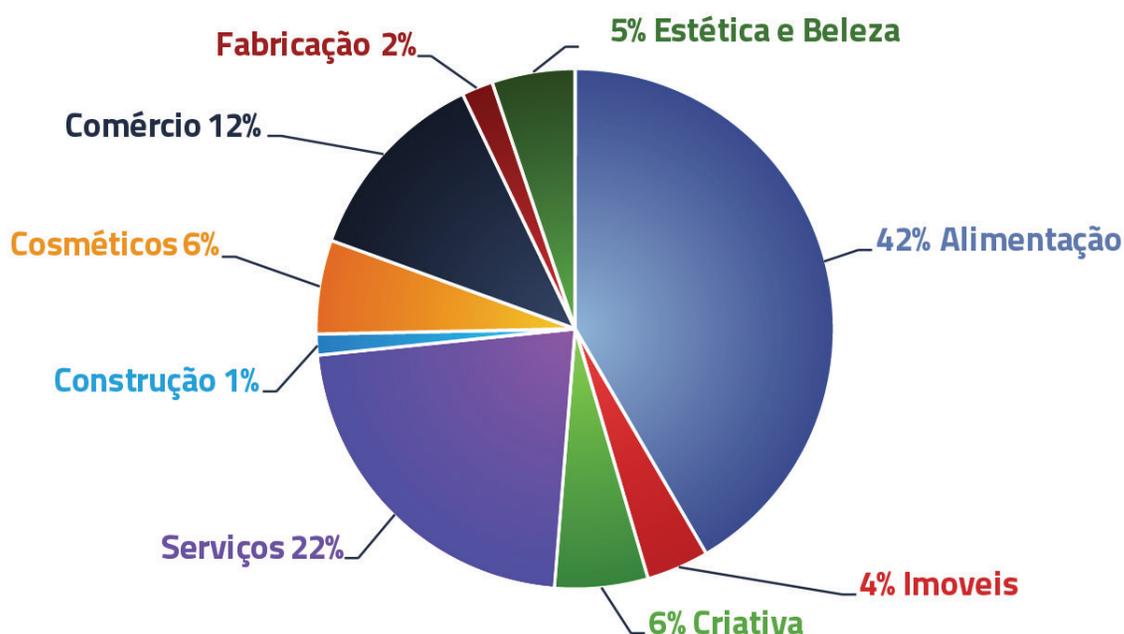


Gráfico 1: Empreendimentos 2014.
Fonte: Elaboração própria

Percebe-se que boa parte dos empreendimentos (42%) está no setor da alimentação, neste segmento foram inclusos, os bares, restaurantes, vendedores de hortifrúti, de produtos específicos (sucos, mel, trufas, salgados) e lanchonetes da região.

Quando comparado ao ano de 2016, os indicadores apresentam uma diminuição significativa no número de empreendimentos que foram reduzidos de 154 para apenas 56, uma taxa de mortalidade de 64,10% um número muito acima das taxas encontradas na literatura, que costumam a variar entre 25% a 30% no contexto internacional e que no Brasil tem girado em torno de 25% nos últimos anos (SEBRAE, 2013).

¹ CapuNegócios é uma iniciativa do curso de Administração da FADBA de catalogar e acompanhar a evolução dos negócios do bairro. É um trabalho feito no âmbito da de um exercício interdisciplinar, promovido pela faculdade, executado por alunos e orientado por um professor.

EMPRESAS EXISTENTES
EM 2016

56

EMPRESAS EXISTENTES
EM 2014

156

Gráfico 2: Taxa de mortalidade de empresas entre os anos de 2014 a 2016.
Fonte: Elaboração própria

No que se refere ao ramo pesquisado a proporcionalidade dos segmentos foi mantida mesmo diante de tamanha redução, como pode ser observado no gráfico a seguir:

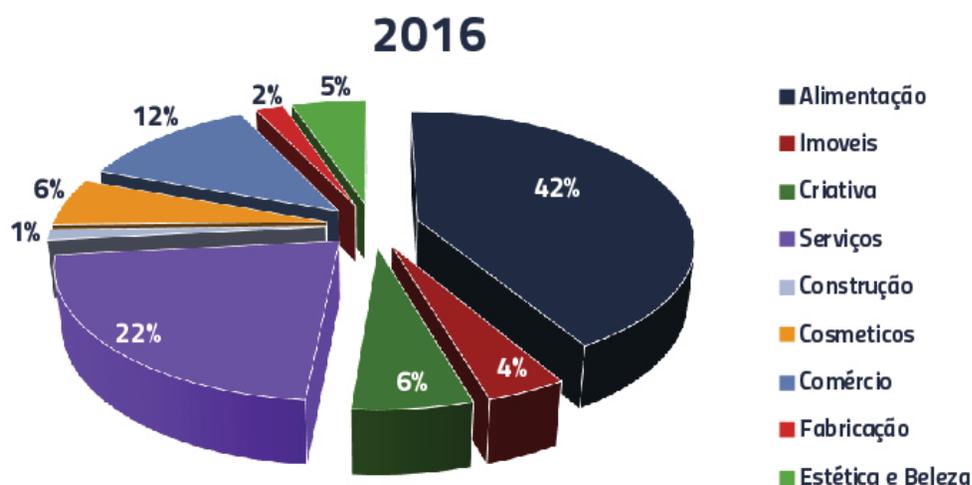


Gráfico 3: Empreendimentos 2016.
Fonte: Elaboração própria

Diante de tamanha redução, algumas hipóteses começaram a ser formuladas para justificar a variação, distante do padrão estabelecido pelas médias regionais, nacionais e internacionais, dentre elas elencamos: diferenças metodológicas na condução da catalogação dos empreendimentos; efeito da temporalidade dos estudantes no território (em que o tempo do empreendimento estaria vinculado ao tempo do estudo); sazonalidade da região (tendo em vista que a mesma funciona em função principalmente da faculdade) e os aspectos já consagrados na literatura e apresentados neste trabalho, tais como a falta de capital de giro, incapacidade gerencial, tributação, desconhecimento do ramo adotado, etc.

Um aprofundamento nos empreendimentos existentes apresentou um perfil particular para a região,

nele constatou-se que 34 dos empreendimentos eram gerenciados por mulheres, na sua maioria casadas, com filhos e com o ensino médio completo e que 41% de todos os empreendimentos foram abertos por visualizarem uma oportunidade de negócio no local, além disso, das 56 empresas pesquisadas 30 estavam formalizadas. Este perfil sugere que a hipótese de que muitos empreendimentos são criados por pessoas que possuem algum vínculo com um estudante da faculdade pode ser confirmada, necessitando de uma averiguação mais profunda em um outro estudo, mas possuem fortes indícios tendo em vista a existência do seminário de teologia com cerca de 400 alunos, que representam a maior parte dos estudantes do ensino superior da faculdade.

Por outro lado, as dificuldades em localizar os empreendedores que fecharam seus negócios no período de 2014 a 2016 não permitiu que fossem realizadas conclusões acuradas sobre os fatores condicionantes para a mortalidade, no entanto foi possível manter contato com cinco empreendedores, das quais foram realizadas as entrevistas.

De modo geral, a primeira causa do fracasso desses empreendimentos está relacionada às falhas gerenciais no que diz respeito a escassez de capital de giro, o que indica um descontrole de fluxo de caixa, o que é imprescindivelmente necessário para suprir o período de sazonalidade durante as férias dos alunos da faculdade, onde a demanda se torna menor e por vezes, escarça, em seguida a questão da localização, que dificulta o acesso de consumidores de outras localidades e vincula ainda mais o negócio as atividades da faculdade, e por fim, a falta de conhecimentos gerenciais, o que torna a tarefa de desenvolver a empresa um grande desafio. Dois empreendedores localizados informaram ainda que fecharam os negócios em função da mudança de residência em um caso e no outro caso por questões de saúde, mas ambas informaram que se fossem mantidas estas condições ainda estariam comercializando no local.

No que tange aos empreendimentos que se mantiveram no local, três empreendedores se disponibilizaram a participar do estudo e apresentaram que mesmo diante das dificuldades de permanência no local devido a sazonalidade e os aspectos já mencionados, os mesmos indicam que um forte controle financeiro; um planejamento das aquisições e investimentos e o foco na qualidade do serviço prestado para enfrentar a concorrência são os principais fatores que os mantiveram no mercado.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As dificuldades de empreender no Brasil têm sido cada vez mais expostas em diferentes estudos, que são seguidas pelas dificuldades na manutenção e desenvolvimento do negócio. Questões como o conhecimento aplicado ao negócio, a análise do mercado, o controle gerencial e a concorrência de mercado são fundamentais para o empreendedor e para o desenvolvimento do local, tendo em vista que comportamentos empreendedores possibilitam um desenvolvimento endógeno do local.

Diante destes argumentos procurou-se analisar um caso específico do território de Capoeiruçu, um bairro universitário/rural na cidade de Cachoeira (BA). Percebeu-se na análise que no biênio 2014/2016 houve uma taxa de mortalidade dos empreendimentos de 64% muito maior do que os índices encontrados em estudos semelhantes no Brasil e no Mundo, estes índices indicam uma taxa de mortalidade de cerca de

30% em dois anos de análise.

Com indicadores tão alarmantes concluímos que fatores tais como as diferenças metodológicas dos levantamentos, a temporalidade no território e a sazonalidade relacionada a Faculdade, são fatores adicionais aos já conhecidos na literatura fatores de mortalidade das empresas. Desta forma, sugere-se como ações futuras para pesquisa no mesmo local a adoção de uma mesma metodologia de catalogação e o registro da mesma nos catálogos, e uma análise do tempo de vida das organizações existentes.

Para além disso, faz-se necessária uma atuação mais efetiva da faculdade no bairro, através de ações extensionistas que visem capacitar o empresariado local e transferir o conhecimento necessário para o empreendedor local. Esta ação, articulada aos demais atores sociais que compõem o território (agentes públicos, associação de moradores, moradores, etc) podem favorecer ao desenvolvimento local e a diminuição da taxa de mortalidade das empresas.

Sugere-se que pesquisas futuras sejam realizadas buscando identificar o perfil do empreendedor local, suas motivações, necessidades e quais as ações podem ser feitas para um aumento da vida das organizações e que o desenvolvimento local possa ser verdadeiramente sustentável.

REFERÊNCIAS

ALDRICH, H. E. The emergence of entrepreneurship as na academic field: A personal essay on institucional entrepreneurship. **Research Policy**, v. 41, n. 7, p. 1240-1248, set. 2012.

BRANDÃO, C. A. Estratégias e Políticas Regionais e Urbanas Recentes: anotações para uma agenda do desenvolvimento territorializado. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*, Curitiba, n. 107, jul/dez 2004. 57-76.

BRUYAT, C.; JULIEN, P. A. Defining the field of research in entrepreneurship. **Journal of Business Venturing**, v. 16, n. 2, p. 165- 180, Mar. 2001.

CABRAL, A. C. A. **Reflexões sobre a pesquisa nos estudos organizacionais: em busca da superação da supremacia dos enfoques positivistas**. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 22., 1998, Foz do Iguaçu. Anais... Foz do Iguaçu: Anpad, 1998. Disponível em: < <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAACwAI/artigo> > acesso em 13 de set. 2016.

COELHO, Franklin D. **Reestruturação econômica e as novas estratégias de desenvolvimento local**. In: FONTES, Ângelo & COELHO, Franklin Dias (org). *Desenvolvimento econômico local: Temas e abordagens*. Rio de Janeiro: IBAM/SERE/FES, 1996.

DE MORI, F. *Empreender: Identificando, avaliando e planejando um novo negócio*. Florianópolis: Escola de Novos Empreendedores, 1998.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo: Transformando ideias em negócios**. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

DOWBOR, Ladislau. **A intervenção dos governos locais no processo de desenvolvimento**. In BAVA, Sílvio Caccia (org.) São Paulo: Pólis, 1996.

LANDSTROM, H.; BENNER, M. Entrepreneurship research: a history of scholarly migration. In: LANDSTROM, H.; LOHRKE, F. (org). Historical foundations of entrepreneurship research. Great Britain: Edward Elgar Publishing. p. 15-45, 2010.

LIMA, A. L. C. Abordagens Teóricas sobre o Desenvolvimento Econômico local: Idéias inovadoras no debate sobre essa antiga questão ? **O&S**, v. v.7, n. n. 18, p. 159-182, Maio/Agosto 2000.

LIMA, E. O. A estratégia emergente na pequena empresa e sua complementaridade à visão estratégica. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 23., 1999, Foz do Iguaçu. **Anais...** Foz do Iguaçu : ANPAD, 1999.

MOREIRA, H. S. A.; MOREIRA, M. A.; CASTRO SILVA, W. A. Dez anos de pesquisa em empreendedorismo apresentados nos Enanpads de 2003 a 2012: análise dos autores engajados na área. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 3, n.1, p. 33-55, 2014.

MURPHY, P.; LIAO, J.; WELSCH, H. P. A conceptual history of entrepreneurial thought. **Journal of management History**, v. 12, n. 1, p. 12- 22, 2006.

OLIVEIRA, F. M. **Empreendedorismo: teoria e prática**. Revista Especialize (IPOG). Goiânia/GO, n. 3, p. 1-13, 2012

REBOUÇAS, D. P. O. **Estratégia Empresarial: uma abordagem empreendedora**. São Paulo: Editora Atlas, segunda edição, 1991.

RODRIGUES, S. Manual Técnico do Formando: Empreendedorismo. **Ferramentas para Empreendedor**, ANJE, Portugal, 2008.

SCHUMPETER, A. Joseph. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Trad. Sergio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985.

SEBRAE, **Sobrevivência das empresas no Brasil**: Coleção de estudos e pesquisa. Brasília – DF, Unidade de Gestão Estratégica, 2013.

VERGA, E.; SILVA, L. F. S. Empreendedorismo: evolução histórica, definições e abordagens. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas** p. 5-8, 2014.

YONEMOTO, H. W.; ROJAS LEZANA, A. G. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA Centro Tecnológico. Os fatores externos e internos e a sua relação com o êxito ou fracasso das empresas de pequena dimensão. Florianópolis, SC, 1999. xii, 119f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina.